

Seminário

24 AGO 1989

Manter reservas pode evitar a hiperinflação

Economistas de vários países debatem em Campinas saída para economia estável

CAMPINAS — A necessidade de manter o controle do câmbio e das taxas de juros e de suas reservas como condição para afastar o fantasma da hiperinflação foi a principal conclusão do primeiro dia de debates do seminário Inflação e Políticas de Estabilização em Economias Cronicamente Inflacionárias, promovido pela Unicamp. Hoje e amanhã, economistas da Argentina, Peru, Israel, Bolívia, Chile, Brasil e México vão continuar a discutir as experiências recentes dos países que tentam controlar o endividamento externo e estabilizar sua economia.

Para a economista brasileira Eliana Cardoso, professora da Tufts University, dos Estados Unidos, a única forma de evitar a explosão inflacionária é o governo Sarney acabar com a instabilidade econômica, "custe o que custar". Ela defende a adoção de medidas até impopulares e acha perigoso adiar essas alterações, deixando-as a cargo do próximo governo. Uma dessas medidas, propõe Eliana, seria a suspensão

do pagamento da dívida externa, para aumentar as reservas do País, mas sem criar uma moratória explícita. Ela lembrou a tomada do poder pelos nazistas na Alemanha após o processo hiperinflacionário como exemplo da impossibilidade de prever os seus efeitos.

A economista Maria da Conceição Tavares participou ontem como assistente e amanhã coordenará parte dos debates. Ela tem opinião semelhante à de Eliana: "Só há hiperinflação com descontrole cambial agudo e a fuga para o dólar, como aconteceu na Argentina, país que não tinha reservas e adotou uma política selvagem, com taxas de juros altíssimas." Ela lembrou o caso do Peru, que conviveu com uma inflação de 100% mas não chegou à hiperinflação porque reforçou suas reservas e conseguiu saldos positivos em sua balança comercial.

"Temos de reduzir nosso déficit fiscal, mas o problema é que determinados grupos não querem perder nada porque são os ricos que ganham com a inflação" diz Maria da Conceição. Em sua opinião, é uma insanidade liberar o câmbio, como chegou a defender o candidato à Presidência da República Fernando Collor de Mello. "Seria o

caos. E o pior é que ninguém protestou. Ou o Collor está defendendo os exportadores ou virou Indiana Jones." A economista ressaltou a necessidade de o País assegurar as reservas e o câmbio, aproveitando sua indústria moderna e a condição de ter a terceira balança comercial do mundo, com superávit de US\$ 20 milhões.

PACTO SOCIAL

A representante do Banco de Israel, Sylvia Piterman, afirmou que não há uma receita pronta para o combate à inflação crescente, mas diz que seu país conseguiu controlá-la reforçando a balança de pagamentos, controlando os preços e a taxa de câmbio, com a redução dos gastos públicos e o pacto social.

Sylvia falou da experiência de Israel, que baixou a inflação anual de 500% para 20% em quatro anos. Segundo ela, foi o resultado da aplicação de projeto parecido com os planos Austral (Argentina) e Cruzado: o país tinha o balanço de pagamento em boas condições e foi favorecido pela baixa do petróleo e pela queda do dólar em relação às moedas européias. A representante de Israel defende a negociação do perdão da dívida externa por países como Argentina e Brasil, onde atinge "níveis não-pagáveis".